

CILINHA

Cecília Maria de Castro Pereira de Carvalho Supico Pinto

(30Mai1921 - 25Mai2011)

Fez o curso de enfermagem; casou com Clotário Luís Supico Ribeiro Pinto (nasc.1909, ministro da Economia, membro do Conselho de Estado, presidente da Câmara Corporativa, conselheiro de Salazar, que viria a falecer em 1990; sua irmã Teresa, casou com Vasco Lopes Alves, futuro almirante).

O Movimento Nacional Feminino [MNF] foi criado em 25 de Janeiro de 1961, na crise do Santa Maria. Tudo começou em casa de *Cilinha*. Milhares de telegramas seguiram para a embaixada dos EUA em Lisboa, em protesto pela posição norte-americana.

A chegada do Santa Maria [16Fev61], estavam cerca de 100 mil pessoas. Por sugestão de Cilinha, Salazar na amurada do navio falou à multidão: "O Santa Maria está de novo connosco. Obrigado, portugueses".

O anúncio do surgimento do MNF foi feito às 21:00 de 28Abr61 na RTP, por Maria Luísa Bobone e Teresa Mónica, em directo.

Do núcleo inicial faziam parte: Maria da Glória Barros e Castro, presidente nacional das *vicentinas*; Madalena da Câmara Fialho, professora de Odivelas; Maria António Torres Pereira, enfermeira; Deolinda Santos, directora do Colégio de Odivelas (família militar). No núcleo inicial da comissão central, Cilinha não aparecia. A primeira sede foi numa divisão de um andar no Largo Luís de Camões.

Em Junho de 61 promoveram uma sessão na Sociedade de Geografia, orientada por Maria da Glória Barros e Castro.

Saíram do Largo de Camões e passaram para as antigas instalações do 7º Bairro Fiscal na Rua Presidente Arriaga, um prédio a cair de velho, sem casas de banho sequer.

Com mês e meio de existência, a primeira campanha do MNF foi a dos aerogramas, reclamando isenção de franquia postal para os militares e suas famílias. Os aerogramas passaram a ser grátis para militares e a vinte centavos para as famílias. Para aumentar receitas, o MNF vendia frases publicitárias nos aerogramas.

Em colaboração com a CVP, em seguida fez-se campanhas de donativos.

Seis meses depois do início, o MNF começa a receber inúmeras cartas hostis: a comissão central começou a receber ameaças e a Rádio Argel [?] propagava ameaças contra o MNF quase todos os dias, chamando a Cilinha a "Dona Lucília", fazendo circular calúnias sobre a sua vida pessoal, identificando-a como líder do MNF; assim, Cilinha assumiu a presidência em Out61.

Após a invasão de Goa em 18Dez61, de colaboração com o Diário Popular e Brás de Medeiros, organizaram um Natal das crianças e estiveram presentes nos portos e aeroportos com quatro lares abertos para receber os familiares dos repatriados, com ajuda do almirante Henrique Tenreiro.

Desde final de 1961, cerca de 30 mil familiares passaram a auferir por lei apenas os reduzidos vencimentos atribuídos a militares em serviço na Metrópole (1 escudo por dia, equivalente a 1.500 escudos mensais em 1995); o decreto-lei 43823 de 27Jul61 era referente à subvenção de família, tal como a portaria 18781 de 18Out61.

Em 1962 [?] seguiu com Ana Arnaud para a Guiné organizar comissões locais, reivindicando subsídios de isolamento para os militares da Guiné. Estiveram lá dois meses, sendo Mansôa a primeira unidade visitada. Com subsídio do MDN arranhou equipamentos de futebol para unidades no mato, e livros do Camilo Castelo Branco e do Eça de Queiroz, material didáctico, medicamentos e jogos de monopólio. Para Cabo Verde arranjaram um destilador de água, pago pelo Ministério do Ultramar. Também o MNF conseguiu que se baixasse para os militares o preço de uma garrafa de cerveja, por exemplo na Guiné o equivalente de 15 para 9 escudos, depois equiparada ao preço de venda em Angola; tal como a elevação dos vencimentos para aumento de 20%, e atribuição de subsídio de isolamento em certos locais da Guiné.

Enviaram mensagens-rádio em cassettes e bobinas para as rádios e unidades, por exemplo um Sporting-Benfica em matraquilhos comentado, por Eusébio, Simões, Dimas e o Artur Agostinho no relato. Fizeram o programa "Espaço", uma fábrica de discos, mandaram copiadoras para as unidades.

O "Conjunto João Paulo", da Madeira, foi mobilizado todo junto e andou por Angola, Guiné e Moçambique a tocar para os militares.

Em Julho de 63, 1500 famílias de soldados combatentes receberam assistência através da comissão distrital de Lisboa do MNF, presidida por Maria do Carmo Figueiredo, que lançou um apelo para 4 mil cobertores para as famílias; a Diamang deu um donativo.

No Natal de 63 começou a campanha para as ceias de Natal das famílias dos militares, dando cada trabalhador uma hora de salário. Distribuíram-se agasalhos e lembranças a 3460 famílias de militares que estavam no Ultramar, promoveu-se o festival aeronáutico "Paz na Guerra", em Alverca com pára-quedistas e acrobacias da FAP.

Aos militares evacuados do Ultramar para hospitais militares na Metrópole, foi cancelada a subvenção de família: imediatamente o MNF apelou para o MDN que, por despacho de 20Jan64, determinou a manutenção do abono de subvenção de família durante os períodos de tratamento nos referidos hospitais. O decreto-lei 45543 de 24Jan64 regulamentou as pensões de sangue às famílias dos voluntários das OPVDC, mortos em defesa da Pátria tal como os militares.

Em 02Mai64, para ânimo da "Operação 3º Ano", que decorre nos Dembos no aniversário da chegada do primeiro contingente a Luanda, Cilinha acompanhada de Renata Cunha e Costa chegou a Luanda de avião, para a festa de homenagem às Forças Armadas - Angola 1964: ao saltar de um DO-27 no aeródromo de São Salvador, Cilinha parte um pé; regressaram a Luanda. No dia seguinte foi para Cabinda de avião às seis da manhã; nessas andanças partiu onze aparelhos de gesso. Após regressar a Luanda foi falar com o comandante Ernesto Vilhena, da Diamang. Sempre que estava aflita pedia-lhe dinheiro para o MNF e ele dava. Quando da festa de Luanda, deu 500 contos para o MNF.

Revoltante era o imposto de defesa exigido em Moçambique, quantitativo que chegou a ser cobrado a militares já falecidos, conseguindo o MNF a extinção desse pagamento, a par da concessão de subsídio de isolamento aos militares colocados nalgumas unidades de Cabo Delgado e Niassa.

Em 1966 uma delegação do MNF com Cilinha e Renata Cunha e Costa estava em Mueda, no momento em que sofre um ataque de morteiros da FRELIMO. Não estava o comandante Abílio Ferro, estava o segundo-comandante José Morais (que morreu depois), amigo de Cilinha.



De outra vez em Bula, era comandante do sector o tenente-coronel Henrique Callado (de cavalaria): emboscada em Suzana, o sargento Cachéné levou um tiro, caiu do camiã e o rodado passou-lhe por cima; Cilinha seguiu para o local, subiu para o camiã e o sargento estava com hemorragia interna e em choque; o enfermeiro quis dar-lhe injeccão de morfina mas Cilinha não deixou; o comandante Calado disse que Cilinha "é que comanda"; pediu uma equipa médica e quando chegaram a Bissalanca o sargento ainda estava com vida; graças ao cuidados de Cilinha, o sargento sobreviveu (era casado e tinha quatro filhos). A unidade [BCav790] do comandante Calado, em Bula [Mai65-Fev67], promoveu Cilinha a "1º Cabo Pinto".



Por intervenção de Cilinha junto do ministro do Exército, foi fornecido ao HM241-Bissau o primeiro aparelho de Raios-X, bem como o envio pelo Ministério do Ultramar de vacinas anti-diftéricas para a população da Guiné e antipalúdicos para os batalhões mobilizados para aquele território. Na altura do embarque, fazia-se a vacinação anti-malária aos militares mobilizados: o período de inoculação do vírus era superior ao da duração da viagem para a Guiné [3-4 dias], o que vitimou alguns rapazes [02Mai64, 22Out64, 23Nov64, 06Jan66, 06Mar67] embarcados para aquela província, conseguindo o MNF pôr cõbro a esta situação alarmante, intervindo junto do ministro do Exército.

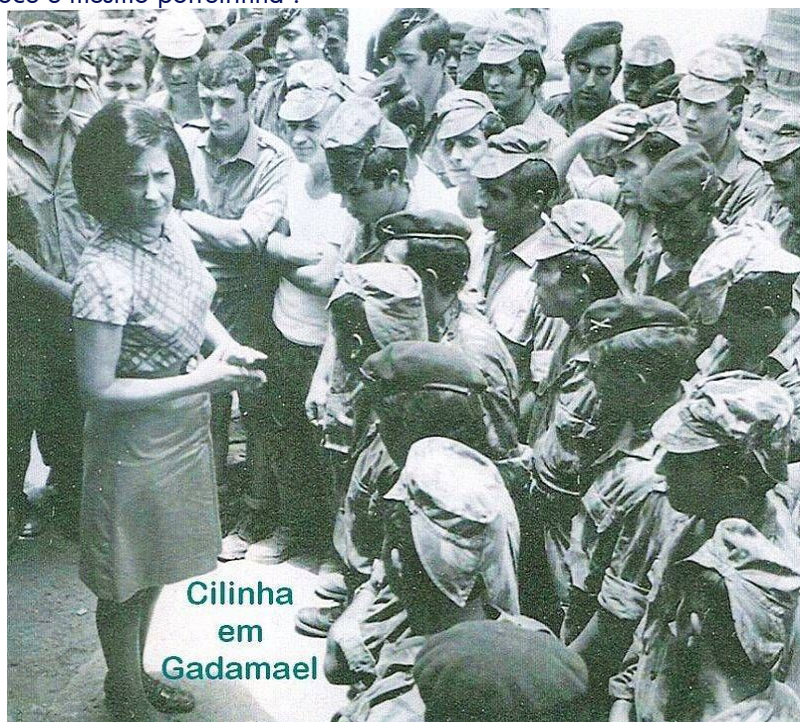
Desmoralizante é qualificativo que melhor assenta à declaração da responsabilidade de despesa com a possível trasladação em caso de morte, proposta aos militares que partiam para o Ultramar. Ainda aqui o MNF moveu uma acção constante e vigorosa, obtendo ao cabo de instâncias múltiplas a abolição daquele documento. Por outro lado, um telegrama era o meio utilizado para comunicar a uma família que perdera no Ultramar um dos seus membros; à notícia era ainda acrescida a informação, também telegráfica, de que tinha um prazo de 24 horas para depositar a quantia de 10 mil ou 15 mil escudos, para que o corpo do militar falecido fosse enviado para a Metrópole. Os menos afortunados não compreendiam a razão de, só por uma questão de dinheiro, os seus familiares mortos pela Pátria não poderem ser transportados para junto deles, o que é humanamente compreensível. Ouvido o MNF, passaram o Ministério do Exército (despacho de 02Mar67) e o da Marinha (Ordem da Armada, 1ª série nº14 de 26Fev69), respectivamente à acção.

Em 1967, quando das inundações [na área da Grande Lisboa], porque muitas famílias afectadas eram dos militares mobilizados no Ultramar, o MNF deu apoio com a CVP e a Caritas, ficando com as áreas de Vila Franca de Xira, Vala do Carregado, Quintas e Alhandra; [vd pp.430 op.cit, depoimento sobre apoio dos universitários de medicina em Alhandra].

Em 1968 foi instalado no HM124-Luanda o primeiro PBX, por intervenção do MNF que o adquiriu junto da Companhia dos Telefones. Sobre os reclusos militares o MNF conseguiu que o PR, a pretexto das suas últimas idas a Angola e Moçambique, decretasse duas amnistias para os pequenos delitos de desobediência ou deserção impensadas, e uma terceira quando da visita do Papa Paulo VI a Portugal. No mato, uma vez em Gago Coutinho, dormiu com G3 à cabeceira porque havia ataques constantes. Aprendeu a atirar, andava armada, mas nunca atirou sobre ninguém. As tropas de vez em quando faziam a "Operação Cilinha", para as quais os comandantes pediam voluntários: "E enquanto eles não voltavam da operação com o meu nome, eu sentia o maior dos pânicos".

Em 05Jul68, agraciada com o Grande-Oficialato da Ordem de Benemerência.

No ano seguinte, na Guiné, uma coluna onde ia Cilinha sofreu uma emboscada: houve mortos e feridos, e capinaram o mato para os helicópteros; sofreu um ruptura muscular numa das pernas; um furriel Ferreirinha [?] atingido na cabeça, que veio a morrer no hospital de Bissau [HM241], fazia anos nesse dia. Noutro episódio, o soldado João [Fernandes] Caridade (filho de um casal de cesteiros de Ponte de Lima), brincava [no quartel da CArt1742 em Buruntuma] com outro soldado numa Berliet, o outro deu-lhe um empurrão, ele caiu e bateu com a nuca numa pedra [um mês antes de terminar a comissão]; foi evacuado para Bissau numa DO-27 da delegação do MNF com Cilinha, que lhe fechou os olhos quando ele morreu; no dia seguinte [2ªfeira 05Mai69] Cilinha voltou à unidade, o capelão rezou missa no mato. À vinda de Cuntima numa coluna de reabastecimento com gado, emboscada: Cilinha foi ferida, os soldados diziam "você é uma gaja porreira", ou "você é mesmo porreirinha".



Cilinha
em
Gadamael

Mas “estive longe de ser uma excepção: as mulheres de Portugal foram sensacionais durante a guerra. O MNF abria as portas a todas, menos às comunistas e às comodistas”. O MNF teve a revista mensal “Guerrilha”, sendo primeiro director Martinho Simões, depois Mário Matos Lemos; e a revista mensal “Presença”, dirigida por Luiza Manoel de Vilhena condessa de Vila Flor, onde Balsemão (que foi ajudante-de-campo de Kaulza) publicou artigos. Também o MNF conseguiu junto do Ministério da Educação a dispensa de frequências e a criação de épocas especiais de exames para militares.

No Natal de 71, o disco (LP) “Natal de 71” teve tiragem de 300 mil cópias, participando Amália, Eusébio, Joaquim Agostinho, Maria de Lurdes Modesto, Florbela Queirós, Armando Cortez, Francisco Nicholson, Varatojo, Parodiantes de Lisboa, Hermínia Silva e Elsa Gomes.

Sempre que partia para o Ultramar ou se iniciava uma campanha, Cilinha ia à RTP. “O Costa Gomes é um exemplo da ditadura muito à portuguesa que o regime era, o tal “fascismo”. Como é que um regime, que agora se diz que era tal ditatorial e severo, permitiu que um senhor que entrou numa tentativa de golpe de Estado, em 1961, chegasse em 1972 a chefe das Forças Armadas? Só entre nós. Era, de facto, uma ditadura muito à portuguesa; (António Costa Gomes, comandante da base aérea de São Jacinto, era amigo de gente da família de Cilinha). Quando Spínola foi condecorado [em 06Jul73 com a Torre e Espada], Cilinha tinha chegado de África e Costa Gomes, que a conhecia desde 1935 (tinha ele 21 anos), foi buscá-la ao MNF para assistir.

“Vim aqui passar o Natal de 73, voltei para a Guiné onde apanhei o livro de Spínola e o 16 de Março. Quando os generais foram ao beija-mão e o Spínola e o Costa Gomes faltaram, eu estava na Guiné e pus as mãos na cabeça. Sabia que os generais se iam voltar contra ele, era uma coisa que não se fazia, obrigá-los à vassalagem. Em Bissau estive num jantar com o Manuel Monge, o Casanova Ferreira, entre outros 20 ou 22 oficiais; com a Cavalaria ao lado Spínola, mas havia unidades que não podiam com ele. Protegia muito a Cavalaria, a sua arma. Achava que as coisas iam dar para o torto, alguns militares temiam uma segunda Índia e outros estavam fartos e não queriam mais comissões. Eu fui a quase todo o lado na Guiné, em colunas de reabastecimento, uns dias antes do 25 de Abril. Podia ir-se a quase todo o lado, com excepção de Guileje, Madina do Boé e Gadamael. Não me venham dizer a mim que a Guiné estava toda tomada, por amor de Deus! Regressei muito preocupada e disse ao MDN Silva Cunha: “Acho que vocês têm de abrir os olhos porque isto vai estalar, e pode estalar muito mal”.



«O MNF chegou a ter 82 mil mulheres em Portugal e África. A rede de informações superava, por vezes, a da PIDE/DGS e das Forças Armadas. Durante 13 anos editaram-se 300 milhões de aerogramas. [...] O MNF foi a quase totalidade da minha vida (entre os 39 e os 52 anos de idade). Cheguei a vestir-me e pentear-me em 7 minutos. Hoje, (com 72 anos), olho para mim ao espelho, de manhã, e posso dizer: “Não tens nada de que te envergonhes. Deste o melhor que tinhas”. Dei a minha vida inteiramente à causa em que acreditava, dei-me totalmente. Entre hoje onde entrar, quando vejo um militar, garanto-lhe que não baixo os olhos. Olho de frente qualquer pessoa. Eu fiz o melhor que sabia. Fui coerente naquilo em que acreditava, naquilo que vivi e que me ia matando. É isso que interessa, a gente dar-se completamente a uma causa. [...] Em silêncio, levámos a cabo todo este trabalho feito em segredo, não para obter recompensas, mas para conseguir resultados»¹.

¹ (extractos de entrevista concedida na sua residência em Cascais, em 1994, publicada a pgs.421 e sgts de “A Guerra de África”, coord. J. Freire Antunes)